

A NOVA TERRITORIALIDADE NA PARÓQUIA URBANA ATUAL: do físico ao ambiental – um novo conceito de espaço

“A comunhão eclesial, embora possua sempre uma dimensão universal, encontra a sua expressão mais imediata e visível na Paróquia: esta é a última localização da Igreja; é, em certo sentido, a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas” (Christifideles Laici, 26). A paróquia é marcadamente presença num determinado território da diocese. Exatamente a territorialidade é considerada, há séculos, o principal critério para concretizar a experiência evangelizadora da Igreja Católica. Essa concepção está ligada a uma realidade mais fixista e estável.

Contudo, hoje, o território físico não é mais importante que o território das relações sociais. A transformação cultural provoca uma nova concepção dos limites paroquiais, sem delimitação geográfica. A pesquisa pretende identificar elementos que caracterizem essa nova forma de viver a experiência religiosa e propor indicativos para a ação pastoral nesse novo contexto.

Na medida em que as paróquias crescem demograficamente, a tendência é fazer a divisão territorial. Essa delimitação geográfica, no entanto, não resolve o problema dos vínculos comunitários, pois as pessoas agregam-se a comunidades independentemente do espaço físico.

A paróquia, enquanto é território fixo e estável, é questionada pela experiência de comunidades ambientais não delimitadas pelo espaço geográfico. O ser humano atual vive marcado pela mobilidade e pelo dinamismo de suas relações. As noções de espaço e território passam por questionamentos.

Vive-se numa sociedade onde os laços de pertença não se firmam tanto num território específico ou numa família. Prefere-se a vida em rede, onde as relações se estabelecem por afinidades e não por territorialidade. Dali decorre a necessidade de não interpretar a paróquia, especialmente nas grandes cidades, somente através de critérios geográficos.

A sociedade, em tempo de mudanças, é marcada pela instabilidade e pela mobilidade. A correria do cotidiano, a competição e a produtividade são alguns sinais dessa realidade.

Alguns pensam até que a paróquia perdeu seu valor; outros querem restabelecer a estrutura paroquial pré-conciliar. Nem saudade nem utopia. Trata-se, muito mais, de inserir de modo crítico e construtivo, na nova realidade, tudo aquilo que é permanente e precioso na tradição cristã. A *Gaudium et Spes* n. 1 indica que o mundo é o lugar teológico dos discípulos que o Cristo convocou para formarem a Igreja. Confrontar-se com a realidade é reconhecer seus valores e identificar seus limites.

As grandes cidades, que crescem acelerada e desordenadamente, desafiam o atendimento pastoral, especialmente nas periferias. O lugar privilegiado para as pessoas realizarem uma experiência concreta de encontro com Jesus Cristo é a comunidade eclesial. A paróquia e suas comunidades sentem-se desafiadas a vencer a tentação de fechamento e apatia em relação aos outros. Viver em comunidade implica, necessariamente, convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores.

O fato de não depender mais do território não diminui a importância do lugar da paróquia como referencial de vivência comunitária da fé. É na paróquia que se constrói a identidade comum e é lá onde crescem os vínculos de convivência. É um lugar de construção comunitária da experiência cristã. Mas é necessário ampliar o conceito para não reduzi-lo a um espaço demarcado e estabilizado. Mesmo situada, a paróquia ultrapassa suas fronteiras em diversos sentidos. Essa noção mais ampla de território paroquial, e até de transterritorialidade, exige rever as estruturas de pastoral.